

Na capa da revista: representações da urbe e transformações urbanas em Criciúma (SC)

Dorval do Nascimento*

RESUMO: O artigo discute a temática da identidade urbana na contemporaneidade, tomando-se a cidade de Criciúma na passagem das décadas 1960 – 1970 como objeto de análise. Busca-se acompanhar as aparições da cidade na imprensa estadual e nacional, articulando-as com os significados das intervenções dos governos municipais, como indícios de uma crise na identidade urbana, aquela centrada na cidade carbonífera.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Identidade; Criciúma.

ABSTRACT: This article presents a discussion about the contemporary urban identity. It takes Criciúma city as the analysis object during the 1960's and 1970's. This work intended to follow the news of the city in the state and national press, connecting it with the intervention of the municipal government as marks of a urban identity crisis concentrated on the activity of coal mining.

KEYWORDS: City; Identity; Criciúma.

O que se pretende neste artigo é discutir a temática da identidade urbana tomando-se a cidade de Criciúma na passagem das décadas de 1960 e 1970 como objeto de análise. A cidade localiza-se no sul de Santa Catarina, foi fundada e povoada por imigrantes, mas teve seu crescimento econômico e urbano vinculado a exploração do carvão mineral. O período histórico que vamos nos ater neste texto é aquele em que ocorria uma crise da identidade urbana centrada no carvão, resultando em uma transição identitária da *cidade carbonífera* para a *cidade étnica*, que se afirmaria por volta de 1980, quando das comemorações do seu centenário de fundação. Vamos nos utilizar, em especial, das preocupações com a imagem da cidade através da imprensa estadual e nacional, de um lado, e perceber as intervenções do poder público no corpo mesmo da urbe, ao mesmo tempo mudando a cidade vivida e a cidade representada no espaço público. Buscaremos decifrar uma certa estratégia de aparência da cidade¹, que engloba tanto a sua exposição mediática quanto a forma concreta como as intervenções urbanas se realizaram. Para além de contrapor uma cidade concreta e uma cidade metafórica, ainda que se reconheça essa dicotomia, o que se pretende é relacionar esses dois níveis de aparecimento e leitura da cidade real, concreto-imaginária.

O Que Dizem Por Aí

Em junho de 1967 a revista *Realidade*, em seu número 15, trouxe uma reportagem de várias páginas sobre Criciúma e a região carbonífera. Revista de circulação nacional lançada em abril de 1966 com uma tiragem de 250.000 exemplares que se esgotaram em três dias, publicada em São Paulo pela editora Abril entre 1966 e 1976, *Realidade* trazia em suas páginas temas controversos para a época como divórcio, casamento de padres, liberação feminina, homossexualismo, e outros². Também se encontram

* Doutor em História (UFRGS), Professor do curso de História (UNESC). Email: dna@unesp.net.

¹ MONS, Alain. *La Métaphore Sociale – Image, Territoire, Communication*. Paris: PUF, 1992.

² FARO, J. S. *Revista Realidade 1966 – 1968 – Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira*. Canoas: Editora da Ulbra/AGE, 1999. MORAES, Leticia Nunes de Góes. *A Dança Efêmera dos Leitores Missivistas na Revista Realidade (1966 – 1968)*. 2001. Dissertação de Mestrado em História. USP, São Paulo.

em suas páginas reportagens sobre tipos humanos, profissões e cidades do interior do Brasil. Sob o título *Eles vivem Embaixo da Terra* e tomando o trabalho mineiro como tema inicial, a edição de junho de 1967 apresenta uma ampla descrição da cidade de Criciúma³.

A reportagem de *Realidade* acompanha o primeiro dia de trabalho de Emodeno, nome provavelmente inventado pelo repórter Narciso Kalili, em uma mina de carvão. Ao fazê-lo, o repórter descreve desde as vilas operárias até as etapas do trabalho mineiro, mostrando as suas mazelas, a começar pelas condições no interior da mina.

Aqui os mineiros ficam apenas de calção. Suam muito e respiram com dificuldade. O calor não vai além de 25 graus, mas a taxa de umidade (nossas minas são as mais úmidas do mundo) é violenta, transformando em pasta a mistura de pó e suor que não se evapora de seus corpos. Luz, nenhuma; só calor, silêncio e o cheiro forte do carvão.⁴

Descreve também o tremendo esforço físico necessário para despeçar as pedras que desprendem das paredes de rochas através de detonações com dinamite, encher e empurrar o carro cheio de carvão pelo túnel da mina, “*com o corpo curvado, a cabeça apoiada nos braços estendidos, os olhos voltados para o chão*”, condições de trabalho que gerava várias doenças do pulmão e coração, lesões da coluna vertebral e os freqüentes acidentes de trabalho.

Das condições de trabalho dos operários ele passa à cidade carbonífera. Confrontado com o discurso do progresso trazido pelo carvão, o repórter apresenta uma cidade aonde as pessoas não têm perspectivas de futuro e a expectativa de vida é de 50 anos. Apresenta a população cidadina como dependente da atividade carbonífera, que empregaria oito mil trabalhadores, dos quais dependeria cerca de trinta e sete mil pessoas, a maioria menor de 14 anos. Cerca de cinco mil pessoas viveriam com a pensão dos institutos de aposentadoria. Os jovens, dependentes dos pais, se marginalizam e “*nem pensam em abandonar a região, por ignorância, falta de visão e de dinheiro, para tentar a aventura*”⁵. Quando ganham algum dinheiro, gastam nas várias formas de jogo existentes na cidade ou freqüentam as casas de Maracangalha, a zona de meretrício do lugar. As moças aguardam a hora de serem ‘roubadas’, forma de acerto entre as famílias através da qual o casal passa a viver junto sem casamento civil ou religioso. Às vezes se empregam em casas de famílias ricas ou no comércio do centro de Criciúma.

Afirma-se na cidade que, em muitos casos, a moça é obrigada a se entregar para conseguir colocação. Depois disso, não é difícil que a jovem chegue à prostituição: passa alguns dias em Maracangalha e, depois que arranja dinheiro para a passagem, some da região para não submeter a família a vexames.⁶

Como o comércio e a indústria local não tem condições de absorver a mão-de-obra ociosa e do grande número de dependentes por família, os mineiros, ainda que recebam um salário relativamente alto, vive mal e com medo de perder o emprego. As relações trabalhistas são marcadas pelo autoritarismo, onde as empresas demitem ou admitem dentro de um esquema de chantagem e favores pessoais. Diomício Freitas, empresário do setor carbonífero, “*mineiro nas horas vagas e antigo funcionário da Estrada de Ferro Dona Cristina (sic)*”, é apresentado como o único mineiro que enriqueceu, fruto de suas atividades de exploração do carvão durante a segunda guerra mundial, quando “*a ditadura do Estado Novo não se importava como viviam os trabalhadores, nem perguntava o lucro dos proprietários de minas*”⁷.

³ ELES Vivem Embaixo da Terra. *Realidade*, número 15, junho de 1967.

⁴ *Ibid*, p. 130.

⁵ *Ibid*, p. 136.

⁶ *Ibid*, p. 138.

⁷ *Ibid*, p. 134.

O aspecto geral da cidade é apresentado como cinzento, resultado da atividade de exploração do carvão, já que Emodeno “estava acostumado, desde o seu nascimento, àquela paisagem sempre igual, cinzenta. As casas, o mato, as roupas, o céu, as pessoas, tudo é cinzento na região das minas de Santa Catarina”.⁸

Habitações de péssima qualidade, com casas de “25 metros quadrados de construção de madeira, sem forro, sem água corrente, num terreno de sete por quinze metros”, trabalho extenuante, falta de expectativa de futuro, jovens desocupados, autoritarismo patronal, grande número de dependentes, o repórter pinta um quadro de intranquilidade social que ameaça a cidade, expressa na frase de um morador: “Estamos sentados em cima de uma bomba. Qualquer dia desses ela estoura e vamos todos juntos para o inferno”.⁹

Nunca a cidade carbonífera havia sido apresentada dessa maneira. Não era mostrada como a cidade que mais crescia no sul do Estado, como aparece em diversos jornais da década de 1960, adaptação do lema do IV centenário de São Paulo, mas como uma cidade que vivia um problema social dos mais sérios, que poderia estourar a qualquer momento.

A reportagem caiu como uma bomba na cidade. A julgar pela repercussão nos jornais e o tom raivoso das matérias, o repórter havia tocado em um ponto sensível de Criciúma, a forma como esta se via e como poderia ser vista. Ainda em junho, tão logo tomou conhecimento da matéria de *Realidade*, o jornal *Tribuna Criciumense* se posicionou em uma matéria de primeira página¹⁰. Após elogiar o caráter inovador dos temas e matérias da revista e declarar-se leitor assíduo de *Realidade*, o articulista lamenta a matéria feita sobre Criciúma, “nossa cidade”.

Perdão, nossa cidade não! O que acabamos de ler não é, não pode ser Criciúma. Mas já que a reportagem diz que é, vamos tentar limpar as míopes lentes do repórter de REALIDADE e mostrar a ele a realidade não só do nosso caixão de lixo (...). Vamos dizer ao repórter que nós também temos uma casinha modesta, limpa, arrumadinha, na frente da qual cultivamos com carinho umas flores.

Pela resposta de *Tribuna Criciumense* ficamos sabendo o aspecto da reportagem de *Realidade* que mais chocou as elites econômicas e culturais da cidade e adentramos, assim, na maneira como essas mesmas elites imaginavam sua própria cidade ou, ao menos, como queriam que a cidade do carvão fosse vista em outros centros. O principal discurso na defesa de Criciúma, na matéria da *Tribuna*, é afirmar que se a cidade era sinônimo de carvão, não vivia apenas dele. E enumerava uma série de atividades existentes na cidade e que não estavam relacionadas com o carvão, desde a diversificação da produção agrícola até a existência de escolas profissionalizantes e clubes de serviços. Atacava a visão do repórter de que a paisagem da cidade era cinzenta e, em tom irônico e depois de acusá-lo de ter pedido propina para fazer uma reportagem favorável à cidade, descreve assim as condições para a sua conclusão:

Ao acordar-se perto do meio-dia, com o ruído do trem das onze que sempre tem duas máquinas, chegou até a janela do hotel, e naturalmente, teve que sentir nos olhos e nariz, a fumaça vomitada pelas locomotivas que transportam o nosso progresso. Pegou no seu lápis e caderninho e depois na página 130 e 132 de REALIDADE assim escreveu: ‘Aqui tudo tem cheiro e cor de carvão’.

O vínculo da cidade com o carvão, ainda que seja “o nosso progresso”, vínculo em termos de atividade econômica praticamente única na cidade ou quando marca com sua cor e cheiro a paisagem urbana,

⁸ *Ibid*, p. 130. O subtítulo da página 132 diz o seguinte: “Aqui, tudo tem cheiro e cor de carvão”.

⁹ *Ibid*, p. 136.

¹⁰ *REALIDADE* não Viu a Realidade. *Tribuna Criciumense*, 10/06/1967, p. 1.

parece ser aquilo que o repórter de *Realidade* enfatizou e que a matéria de *Tribuna* mais critica, a mostrar certo mal-estar da cidade com a sua condição carbonífera.

Para o Lions Club de Criciúma, a reportagem de *Realidade* “é um retrato adulterado, que ampliou e deformou os defeitos de uma comunidade, sem lhe creditar um só mérito”¹¹. João Aderbal, vereador da cidade, diz que “de Criciúma, de verdade, nada foi escrito. O repúdio é geral contra tão baixa revista”¹². Mário Emídio, por sua vez, mineiro, diz que a reportagem “mostrou como, nós, mineiros, vivemos na Capital do Carvão, Criciúma, SC. Achei notável a reportagem porque expressa realmente a verdade sobre a promiscuidade em que vivem os ‘mineiros’ de Santa Catarina”¹³. A reportagem de *Realidade* despertou uma disparidade de vozes a concordar com ela ou ataca-la. Diferentes olhares que avaliavam a cidade do carvão e concordavam ou não com a cidade apresentada pelas páginas de *Realidade*. De toda a maneira, de um lado ou de outro da trincheira, o que sobra de conclusão de todo esse imbróglio é que, por fim, a cidade do carvão restou questionada. No entanto, a identidade urbana centrada no carvão mineral ainda tinha muito fôlego.

Em uma matéria que apareceu na *Revista Carvão de Pedra* em 1968¹⁴, em sua página de abertura, há uma fotografia do *Monumento aos Homens do Carvão*¹⁵ e, abaixo deste, um brasão municipal oficioso que circulou nesta época e que tem uma ‘boca’ de mina com duas picaretas cruzadas. Não era coincidência que a matéria abria com essas ilustrações: Criciúma era apresentada neste período como *cidade carbonífera*.

Criciúma foi, assim, apresentada na reportagem jornalística citada como uma cidade carbonífera e moderna, isto é, como uma cidade que tinha sua modernidade derivada de sua situação carbonífera. A cidade foi apresentada como um exemplo da influência positiva do carvão mineral sobre a sociedade, representando a positividade do carvão para toda a região, “*demonstrando a pujança da região carbonífera de Santa Catarina, este-reotipada no adiantamento de sua ‘capital’*”.

Criciúma é uma agradável surpresa para quem a vê pela primeira vez. É, também, uma comprovação da grande influência sócio-econômica que a mineração, beneficiamento e utilização do carvão, vêm causando em extensa região catarinense, onde está sendo criada uma comunidade progressista e cônica da patriótica tarefa que lhe está cabendo representar na formação do complexo industrial – carvão-carboquímica – de que tanto necessita o país.¹⁶

A reportagem destaca também as obras do prefeito municipal, Ruy Hülse¹⁷, especialmente a urbanização da Praça do Congresso e a construção da nova sede do poder executivo municipal. A Praça do Congresso, em especial, tornar-se-ia extremamente valorizada na imagem urbana, como área de lazer e por sua estética de uma natureza controlada e disponível para a fruição dos populares. Era algo que as autoridades, a população e os visitantes consideravam belo na cidade carbonífera.

O carvão ser louvado na cidade em uma reportagem de uma revista que se colocava em “*defesa dos interesses da indústria carbonífera nacional*” não pode ser considerado como algo inusitado. Talvez a análise de outras reportagens, em revistas que não tinham um compromisso tão explícito com o carvão mineral, possa nos ajudar a capturar outras representações¹⁸ que se faziam sobre a cidade, o carvão e a modernidade. A *Revista Catarinense*, por exemplo, publicou uma matéria jornalística sobre Criciúma¹⁹ alguns meses após a publicação daquela de *Carvão de Pedra*. A reportagem constituiu-se em uma divulgação explícita do governo Ruy Hülse. Apresenta uma biografia do prefeito e as obras de seu governo. Além de uma fotografia

¹¹ AINDA Sobre a Reportagem de Realidade, *Tribuna Criciumense*, 01/07/1967, p. 3.

¹² Carta de João Aderbal, publicada em *Realidade*, Julho de 1967.

¹³ Carta de Mário Emídio, publicada em *Realidade*, Agosto de 1967.

¹⁴ CRICIÚMA ‘Capital do Carvão’ – Comunidade que Reflete a Pujança da Indústria Siderúrgica Nacional. *Carvão de Pedra*, Junho – Julho – Agosto de 1968, p. 27 – 36.

¹⁵ O *Monumento aos Homens do Carvão* foi construído no centro da Praça Nereu Ramos, a mais importante da cidade, por iniciativa da igreja católica e da indústria carbonífera, inaugurado em 29 de dezembro de 1946 por ocasião do Congresso Eucarístico do Sul do Estado de Santa Catarina. NASCIMENTO, Dorval do. *Faces da Urbe: Processo Identitário e Transformações Urbanas em Criciúma/SC (1945 – 1980)*. Porto Alegre: 2006. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶ *Ibid*, p. 27.

¹⁷ Ruy Hülse foi o único prefeito municipal eleito pela UDN no período 1945 – 1968, e exerceu seu mandato de 31/01/1966 a 03/02/1970 (In: NASPOLINI FILHO, Archimedes. *Criciúma 70 Anos – Ensaio Para a Sua História Político-Administrativa*. 2ª edição. Criciúma: Edição do Autor, 1995, p. 40 – 41). Sua vitória eleitoral foi fruto do enfraquecimento do PSD e, principalmente, do PTB e PCB em vista do golpe militar de 1964.

¹⁸ Para uma discussão sobre representação ver: CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia – A História Entre Certezas e Inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. PESAVENTO, Sandra J. Entre Práticas e Representações: A Cidade do Possível e a Cidade do Desejo. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, Robert. *Cidade, Povo e Nação – Gênese do Urbanismo Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 377 – 396.

¹⁹ CRICIÚMA – Capital Brasileira do Carvão. (assinada por N. C. Vieira). *Revista Catarinense*, fevereiro de 1969, nº 5, p. 14 – 17.

panorâmica do centro da cidade, na primeira página da matéria, abaixo do texto de apresentação da cidade, apresenta outras fotografias de obras do governo municipal. Na reportagem, Criciúma é novamente destacada a partir de sua contribuição para o desenvolvimento de Santa Catarina e do Brasil, tendo por base as reservas carboníferas presentes na cidade e na região, na medida em que *“Criciúma se integra, incontestavelmente, como uma das vigas mestras no complexo econômico-industrial brasileiro, como elemento básico e fundamental para o seu desenvolvimento”*²⁰. Entretanto, se valoriza o carvão presente na cidade, em sua economia e paisagem, a reportagem apresenta certa tensão em relação a esse fato:

Daí porque nada mais justo que o orgulho dos filhos dessa cidade – potência quando a proclamam ‘a Capital Brasileira do Carvão’; e aqueles que, a falta de quaisquer argumentos para criticá-la, se referem ao negrume que cobre algumas de suas vias públicas, apesar de excelente pavimentação, o criciumense bem que poderia responder: ‘bendito negrume, este!’ Bendito negrume, bendita escuridão, que se transforma em luz, calor e energia, e que se espraia por todos os quadrantes do território pátrio, conduzindo o progresso.

Na medida em que precisava reafirmar a suposta defesa que o criciumense fazia do ‘bendito negrume’ do carvão diante dos críticos, pela já conhecida via do progresso, ao mesmo tempo a autora da reportagem sabia que isso já não era suficiente diante das críticas que sofria a presença do carvão na cidade. E apresentava uma outra linha de argumentos, fazendo eco à reportagem da revista *Realidade*, que ainda rondava as cabeças carboníferas:

Mas, Criciúma não é apenas extração de carvão! Não são apenas nove mil mineiros a perfurar a rocha em busca da pedra-dínamo. Criciúma é também uma bela cidade, dotada de excelentes hotéis, magníficos clubes sociais, ótimos cinemas, bons estádios desportivos, pujantes estabelecimentos comerciais, indústrias diversificadas, rede de ensino das mais importantes do Estado e senhora de notáveis tradições importantes e culturais!²¹

Neste momento, de intenso debate sobre a diversificação econômica e a necessidade de modificar a paisagem urbana, o carvão é defendido como necessário ao crescimento da cidade, mas também como indesejável em sua paisagem. Só que isso era dito implicitamente, como quem sussurra um segredo terrível. Um segredo que a cidade guardava e que estava se tornando matéria de comentários públicos.

Três anos depois a revista voltou a Criciúma para uma nova reportagem²². Na matéria, a autora²³ abandonou de vez a defesa do carvão na paisagem urbana, o louvor do ‘bendito negrume’, presente na reportagem anterior e aprofundou a linha de argumentos de que Criciúma não era só carvão.

A indústria que até pouco tempo se alicerçava exclusivamente na exploração do carvão mineral (...) diversificou-se e expandiu-se. Surgiram as grandes fábricas de têxteis, de material de transporte, de produtos alimentares, de móveis e artefatos de madeira, de bebidas, de produtos agro-pecuários, de pescado, de ferro fundido, de couros, de minerais não metálicos e, principalmente, as imponentes cerâmicas. Aí, os índices de produção e qualidade atingiram tal porte que já estão a justificar para Criciúma o título de ‘Capital do Azulejo’.²⁴

E a reportagem cita desde *“as atividades sociais e desportivas ao aprimoramento educacional e cultural, desde a modernização arquitetônica e urbanística da cidade à dinamização da administração pública municipal”*

²⁰ Ibid, p. 14.

²¹ Ibid, p. 14.

²² AS NOVAS Cores de Criciúma. *Revista Catarinense*, 1972, nº 26, p. 40 – 49.

²³ A matéria não foi assinada, mas é provável que tenha sido escrita também por N. C. Vieira. De qualquer forma, há uma referência direta a primeira reportagem.

²⁴ Ibid, p. 40.

para demonstrar que a cidade tinha uma projeção que não dependia mais da atividade carbonífera. O objetivo principal da reportagem, já expresso em seu título, é apresentar uma cidade que superou o 'bendito negrume' do carvão, passando a ser uma cidade colorida, seja por suas atividades econômicas diversificadas ou mesmo culturais e esportivas.

Isso fica também claro pelo papel destacado que tem as fotografias nesta reportagem, se comparadas às reportagens anteriores. As fotografias se distribuem pelas páginas da reportagem e a sua distribuição parece ter seguido uma lógica peculiar. Na primeira página aparece uma fotografia panorâmica do centro da cidade, de uma perspectiva que destaca a Praça do Congresso, colorida, com fotografias menores à direita, também coloridas: novo *Monumento ao Mineiro*, Criciúma Clube, asfaltamento de rua no bairro Pio Corrêa, Escola Municipal do bairro São Cristóvão. São obras do governo Nélson Alexandrino, ou de governos anteriores 'assumidas' por ele e, ao mesmo tempo, pontos 'apresentáveis' da cidade. Na segunda página, mais uma vez uma fotografia central, colorida, com a Praça do Congresso, apresentada como "um dos mais belos logradouros públicos da Capital do Carvão" ao mesmo tempo em que destaca que a "urbanização e ajardinamento de praças – na cidade e nos bairros – foi preocupação constante da atual administração de Criciúma", e abaixo há três fotografias menores, também coloridas, a fonte luminosa (popularmente chamada de 'chariz', "com quatro esguichos multicores, na Praça Nereu Ramos"), Igreja Nossa Senhora da Salete no bairro Próspera e o novo prédio do Centro Municipal de Compras e Prefeitura Municipal. Nas demais páginas há também fotografias abundantes, só que em preto e branco e se referem a obras da administração municipal.

A cidade apresentada desta forma é referida na reportagem como tendo sido obra da administração Nélson Alexandrino²⁵. O prefeito teve uma administração caracterizada por muitas dificuldades de relacionamento com o governo estadual e federal, dominados pelos militares, por ser um dos prefeitos de oposição no Estado. Mesmo a reportagem da *Revista Catarinense*, que certamente tinha seu patrocínio, não tinha muito que mostrar. Algumas obras eram de menor impacto popular, como a construção do osuário e da capela ecumênica do Cemitério Municipal, outras haviam sido terminadas por governos anteriores, como a própria urbanização da Praça do Congresso. Entretanto, havia uma obra que Nélson Alexandrino podia dizer que era inteiramente sua e que, talvez, caracterize bem as suas preocupações expressas na cidade colorida apresentada pela reportagem da *Revista Catarinense*: a destruição do *Monumento aos Homens do Carvão*, construção de um novo *Monumento ao Mineiro* e a colocação de uma fonte luminosa multicolorida no lugar do antigo monumento, no centro da Praça Nereu Ramos. Uma fonte que talvez representasse bem a nova cidade que o prefeito quis construir.

Um Novo Monumento, Uma Fonte Luminosa: Uma Nova Cidade?

A estátua do mineiro, existente no *Monumento aos Homens do Carvão*, passou a compor um outro monumento, chamado *Monumento ao Mineiro*²⁶, localizado na praça Etelvina Luz, contígua a praça Nereu Ramos. Era o dia 21 de outubro de 1971, uma quinta-feira²⁷. O desmantelamento do *Monumento aos Homens do Carvão* implicou na destruição do pedestal de granito e na transferência da estátua do mineiro e dos medalhões de homenagem aos empresários do carvão para compor esse outro monumento, *ao Mineiro*. Toda esta operação foi apresentada como uma busca por um lugar de maior destaque para o mineiro, "em ponto de destaque e que dá real valor ao operário do carvão"²⁸, "já que atualmente se encontra

²⁵ Nélson Alexandrino nasceu em Imaruí/SC em 4 de abril de 1932, tendo vindo para Criciúma em janeiro de 1935. Foi eleito pelo MDB e cumpriu mandato como prefeito de 03/02/1970 a 01/02/1973 (In: NASPOLINI FILHO, Archimedes. *Criciúma 70 Anos – Ensaio Para a Sua História Político-Administrativa*. 2ª edição. Criciúma: Edição do Autor, 1995, p. 42 – 43).

²⁶ Tanto o antigo monumento erguido em 1946 no centro da Praça Nereu Ramos, quanto o novo monumento da Praça Etelvina Luz, que trataremos aqui, possuíam o nome oficial de *Monumento aos Homens do Carvão*, enquanto que popularmente foram chamados de *Monumento ao Mineiro*. Entretanto, prefiro guardar o nome oficial para o primeiro monumento e o popular para o segundo, em vista de não os confundir, ao mesmo tempo em que se reconhece que o nome popular dos monumentos acabou por se impor.

²⁷ MINEIRO já Desceu do Pedestal. *Tribuna Criciumentense*, 23/10/1971, p. 1.

²⁸ *Ibid.*

*escondido pelas árvores do jardim Nereu Ramos*²⁹. O jornal *Tribuna Criciunense* havia realizado uma campanha para remover o monumento do centro da Praça Nereu Ramos e chegou a propor, inclusive, a Praça Sebastião Toledo dos Santos, há pouco construída no bairro Pinheirinho, na entrada oeste da cidade, como o local mais apropriado para colocar o monumento³⁰. Por outro lado, a destruição do *Monumento aos Homens do Carvão* é apresentada também como uma descida do pedestal por parte do mineiro, cruzando uma suposta valorização imediata da visibilidade do monumento, escondido pelas árvores, com uma desvalorização simbólica de sua representatividade para a cidade, arrancado do coração da urbe.

De fato, a formação do espaço da Praça Nereu Ramos remonta ao século XIX e é relatado nas memórias da colonização de Criciúma como o local em que os primeiros habitantes italianos levavam seus animais para beberem água, aonde havia uma vegetação abundante de cressiúmas (ou cresciúmas, crixiúmas, criciúmas), pequena taquara abundante na região, e que acabou por dar o nome à cidade³¹. Ora, sabemos que a atribuição de nome remete a definição de uma identidade³². O vínculo do nome da cidade com a Praça Nereu Ramos, aponta aquele espaço como o lugar simbólico de nascimento de Criciúma. Além disso, aponta-se também, nos relatos da colonização, aquele local como sendo aonde os imigrantes “*arriaram as bagagens junto a um velho barracão erguido e abandonado por alguns sertanistas, à margem de um riacho, estava fundado o núcleo colonial de Criciúma*”³³. De fato, a praça se constituiu como um espaço livre entre a estrada colonial de Urussanga a Araranguá e o templo da igreja católica do distrito, terminado em 1917, tendo sido efetivamente urbanizada na década de 1930. Ao redor da praça se localizaram as famílias mais importantes do lugar. Todos esses vínculos, reais e imaginários, colocaram a Praça Nereu Ramos como o coração da cidade, o espaço simbólico mais importante em relação à identidade urbana. Situar-se, como era o caso do *Monumento aos Homens do Carvão*, no coração da Praça Nereu Ramos, era estar em um lugar privilegiado pela história e cultura do município, que remetia a sentimentos profundos de pertencimento e identificação. A destruição do monumento e a transferência da estátua do mineiro para um outro local, em que pese todos os discursos sobre a visibilidade e as boas intenções em relação ao assunto, expressou uma desvalorização simbólica do carvão em relação à identidade da cidade, ainda que em sua economia e na da região a produção carbonífera estivesse crescendo naquele período.

No entanto, o outro local não era nada desprezível. De acordo com o *Tribuna Criciunense*, defendendo o local onde o *Monumento ao Mineiro* foi construído, “*O atual local é ponto de convergência e, por isso mesmo, o Mineiro está sendo visto, o que é o mais importante*”³⁴. Este novo local, a Praça Etelvina Luz, contígua a Praça Nereu Ramos, localiza-se na confluência das ruas Seis de Janeiro e Conselheiro João Zanette, local de intenso movimento no centro da cidade, razão pela qual o articulista do jornal afirmava que o monumento seria visto. Além disso, o cruzamento em questão também remonta aos tempos do núcleo colonial. É, portanto, um local também valorizado na área urbana. A construção do *Monumento ao Mineiro* neste local, utilizando a estátua e os medalhões do monumento anterior, parece expressar a atitude da cidade em relação ao carvão neste período, que foi a de negá-lo como elemento único de determinação de sua economia e identidade e, portanto, afasta-lo da vista imediata, mas não para muito longe, mantendo-o em local aonde se pudesse receber a sua contribuição sem ser comprometido pela sua presença.

O *Monumento ao Mineiro* foi construído praticamente ao nível do solo e é constituído pela estátua do mineiro, transferida do *Monumento aos Homens do Carvão*, e uma estrutura de concreto por trás de si. Nesta placa de concreto, acima da estátua do mineiro, foi gravada a inscrição “Criciúma

²⁹ MINEIRO Vai se Mudar. *Tribuna Criciunense*, 18/09/1971, p. 1.

³⁰ MINEIRO Deve Sair do Centro. *Tribuna Criciunense*, 19/06/1971, p. 1.

³¹ PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. *Criciúma – Amor e Trabalho*. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974, p. 11.

³² OSTROWETSKI, Sylvia. L'Écart Des Appartenances. In: RAGI, Tariq (dir.). *Les Territoires de L'Identité*. Amiens: Licorne; Paris: L'Harmattan, 1999. Collection Villes Plurielles, p. 237 - 249.

³³ Ibid, p. 12.

³⁴ O MINEIRO. *Tribuna Criciunense*, 04/12/1971, p. 1.

Aos Homens do Carvão 1913 – 1971”, reproduzindo a inscrição existente no monumento anterior, porém atualizando-a na medida em que mudou a grafia de ‘Cresciúma’ para Criciúma e a data, de 1946 para 1971, modificando o ano final da inscrição, aquele que indica a inauguração, o que foi interpretado por José Pimentel e Mário Belolli como uma “*alteração arbitrária de fato histórico, qual seja o início da exploração carbonífera oficial, 1913 – 1946*”³⁵. Na placa de concreto foram afixadas as efígies em forma de medalhão de Henrique Lage e Paulo de Frontin, existente no monumento anterior, sendo que a de Gonzaga de Campos desapareceu. Além dessas efígies, foram acrescentadas as de Giacomo Sônego e Sebastião Toledo dos Santos. A impressão que se tem é que o *Monumento ao Mineiro* foi uma atualização do *Monumento aos Homens do Carvão*, alterando-se os dados anteriores com aqueles mais recentes, realizando novas homenagens e modernizando a sua apresentação estética. Para uma nova cidade que se pretendia colorida, um novo monumento era necessário. De fato, a estrutura de concreto pintada de dourado, a grama verde nos pés do mineiro e as flores em sua volta sobrepunham uma paisagem colorida sobre as representações do ‘bendito negrume’ do carvão. O monumento era mesmo colorido. Mas, nem todos concordaram com isso.



Monumento ao Mineiro. c. 1980. *Álbum de Cartões Postais*. São Paulo: Editora Cultural Ltda, s/d.

Uma das vozes que se levantaram na cidade questionando o novo monumento foi a de Olindo Rosso, ex-padre e articulista da mesma *Tribuna Criciumense* que havia feito a campanha pela transferência do monumento. Tão logo o novo monumento é inaugurado, ele publica um artigo no jornal³⁶ em que simula uma entrevista feita com o mineiro do monumento:

“Mas, voltando à vaca fria, que iluminação, o jardim uma beleza, o conjunto um encanto. Isso representa a mina [responde o mineiro]. Mina? Não?! O senhor é mineiro de mina de ouro? Não, por que? [responde o mineiro]. Então estas minas (...) deveriam ser encarvoadas e não douradas. Lá onde os mineiros trabalham e como representa aqui? Grama, iluminação, ventilação!”.

De fato, a placa de concreto por trás do mineiro, com uma abertura, lembra a embocação de uma mina de carvão. A fúria de Olindo Rosso se devia ao fato de o monumento não representar a ‘realidade’ da exploração carbonífera, com a onipresença do carvão e as duras condições de trabalho dos mineiros. Chamado a se explicar, o autor da obra, arquiteto Fernando Carneiro, compareceu ao *Tribuna* justificando que estava apenas simbolizando e que, por isso, não teria a obrigação de reproduzir, no monumento, as condições reais da exploração carbonífera.

O autor do Monumento aos Homens do Carvão não quis, por ser desnecessário, imitar a realidade, transpor para a praça uma mina de ‘galeria’ ou ‘céu aberto’. Mesmo porque, seria impraticável: levaria a vagoneta, os trilhos, o gincho, os esteios, as lâmpadas, as ferramentas, a água, a dinamite, o ar, o cheiro... e, ainda assim faltaria o principal, o carvão!³⁷

Trabalhando no nível dos símbolos, diz Carneiro, o significado pode ser atribuído conforme o gosto do passante. Assim, o dourado da placa de concreto “*pode (se quiserem) apenas lembrar a esperança em dias melhores*” e assim por diante. Ao que, retruca Olindo Rosso, seria preciso pagar alguém para encarregar-se “*das explicações dos símbolos aos turistas*” e arremata afirmando que “*apesar das explicações dadas no artigo, ainda continuo pensando que não se deveria sacrificar a realidade em função do estético, nesse caso*”³⁸.

O problema é que, por tudo que temos visto, não havia as mínimas condições sociais e políticas para transpor para a Praça Nereu Ramos, o lugar de maior visibilidade da cidade, a ‘realidade’ da exploração carbonífera,

³⁵ PIMENTEL, José e BELOLLI, Mário. *Criciúma – Amor e Trabalho*. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974, p. 10. Posteriormente, a data original foi recolocada no monumento.

³⁶ VISITA (assinada ‘Olindo’). *Tribuna Criciumense*, 13/11/1971, p. 8.

³⁷ A PROPÓSITO do Mineiro e seu Monumento (Fernando Jorge da Cunha Carneiro). *Tribuna Criciumense*, 11/12/1971, p. 4.

³⁸ O MANDA Brasa. *Tribuna Criciumense*, 18/12/1971, p. 9.

com vagoneta, trilho, dinamite, cheiro e carvão. Nem no nível do símbolo. Na verdade, nos parece que a tentativa dos promotores do monumento foi de criar um monumento ao mineiro e ao carvão que, embora os homenageando em vista da posição importante que ocupavam na cidade, buscasse também diminuir a sua presença na paisagem urbana, como de resto estava acontecendo no centro da cidade, com a retirada ou disfarce das marcas que o carvão havia deixado. A destruição do pedestal de granito do *Monumento aos Homens do Carvão*, a atualização de datas e efígies e a própria arquitetura modernista do monumento, expressam essa disposição de construir um monumento que fosse mais adequado à cidade moderna da década de 1970. É possível que o que estava sendo simbolizado no *Monumento ao Mineiro* não fosse, efetivamente, a 'realidade' da exploração carbonífera e as condições de trabalho dos mineiros, mas a realidade de um desejo de cidade moderna e colorida, presente no imaginário urbano³⁹ e nas intenções do poder público.

A destruição do *Monumento aos Homens do Carvão* abriu um vazio no centro da Praça Nereu Ramos que foi preenchido, ainda na gestão de Nelson Alexandrino, pela construção de uma fonte luminosa, popularmente chamada de chafariz, inaugurada em 24 de dezembro de 1971.⁴⁰ Informa ainda a matéria que "a fonte luminosa foi construída em tempo record pois era, e é, desejo de nosso prefeito embelezar nossa cidade nos dias festivos de fim de ano, complementando o que já se encontra concluído". O que já estava concluído e que embelezava a cidade talvez se referisse ao novo monumento, próximo de onde se inaugurava a fonte. De qualquer maneira, o chafariz parecia expressar o interesse que o poder público tinha em construir uma cidade que fizesse esquecer a cidade carbonífera e que se construía em ruptura, senão completa ao menos parcial, com aquela cidade construída anteriormente.

À guisa de conclusão

Alain Musset trabalhou com as cidades nômades da América Espanhola no período colonial, que eram deslocadas em vista do esgotamento de suas atividades econômicas.⁴¹ O deslocamento colocava inúmeros problemas, para além do econômico. Como símbolo do poder civil e religioso, a cidade possuía determinadas prerrogativas, dadas pela representação que tinham e que os moradores não queriam perder. Musset narra a luta que a cidade mudada levava a cabo para manter seu nome, apesar da transferência de lugar. O breve trabalho que concluímos narra parte dos deslocamentos produzidos no nome da cidade, criando novas representações e prerrogativas, ainda que a cidade mesma continuasse no mesmo lugar.

As identidades urbanas construídas para Criciúma se fizeram valorizando determinadas características apresentadas de forma positiva e que esconderam ou desconsideraram outras possibilidades de pertencimento. A cidade carbonífera fundou-se na mitologia do progresso e na contribuição que Criciúma dava ao desenvolvimento do país, valorizando os trabalhadores mineiros e o espírito empreendedor dos empresários do carvão, destacando o crescimento urbano e a circulação de riquezas, em uma operação que desvalorizava outras atividades econômicas, como a agricultura, e outros grupos sociais que tinham na sua origem as migrações do século XIX, desconsiderando o preço humano e social da atividade carbonífera. A cidade étnica, por seu lado, foi construída a partir da mitologia da união dos povos fundadores da cidade, valorizando grupos sociais que tinham na etnicidade o seu ponto de contato com o mundo, maquiando a presença do carvão na paisagem urbana e desvalorizando as populações que tiveram na atividade carbonífera o ponto de inflexão de sua memória e cultura. A invenção de uma determinada cidade no imaginário urbano se fez como ten-

³⁹ Para uma discussão sobre o imaginário, ver em especial: BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985. PESAVENTO, Sandra J. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. ORY, Pascal. *L'histoire Culturelle*. Paris: PUF, 2004.

⁴⁰ FONTE Luminosa Será Inaugurada Amanhã. *Tribuna Criciumense*, 23/12/1971, p. 1.

⁴¹ MUSSET, Alain. *Villes Nomades du Nouveau Monde*. Paris: Editions de L'Ess, 2002.



Vista Aérea de Criciúma. c. 1980. *Álbum de Cartões Postais*. São Paulo: Editora Cultural Ltda, s/d.

tativa de unificar as culturas e histórias presentes na cidade vivida, geradora de representações que não se adequavam à *cidade carbonífera* ou à *cidade étnica*. Como operação de construção de uma homogeneidade cultural surpreendemos a identidade urbana construída como violência simbólica que determina graus diversos de pertencimento a mesma cidade.

Ainda que no senso comum se possa perceber a identidade como o contrário da diferença, percebemos que, na verdade, para que a identidade se estabeleça é necessário que ela o faça a partir de uma noção que valorize a existência do diferente. Enquanto relação entre grupos sociais e culturais, a identidade pressupõe um sistema classificatório que opere distinções em uma determinada população de tal forma que possa dividi-la e, nesta operação, valorizar determinados grupos em detrimento de outros. Enquanto sistemática de divisão e classificação do conjunto de habitantes da cidade, surpreendemos a identidade urbana como hierarquia que se afirma sobre a valorização de uma cidade em detrimento de outras. Na medida em que as operações de atribuição identitária funcionam a partir da oposição à outra identidade ou da reivindicação de alguma identidade autêntica, que permaneceu igual ao longo do tempo, é possível notar que em Criciúma, especialmente em relação à *cidade étnica*, as duas operações foram concomitantemente postas em funcionamento, ainda que a primeira tenha sido disfarçada. A *cidade étnica* afirmou-se na oposição não confessada à atividade carbonífera e as culturas que a partir dela foram construídas.

A afirmação de uma determinada identidade urbana, em detrimento de outras, pressupõe a autenticação dessa identidade em um imaginário que possua verossimilhança com o real e que tenha condições de fornecer a base para um efetivo sentimento de pertencimento. Se a *cidade carbonífera* buscou no progresso esse elemento autenticador, a *cidade étnica* encontrou na história, dada o seu apelo às origens, o universo a partir do qual buscou as representações que permitiram a sua afirmação no conjunto da população urbana. É possível perceber neste esquema identitário a importância que tem os relatos de fundação da cidade pelos grupos étnicos e o destaque de determinados homens cujas atividades são encaradas como heróicas. Desde os relatos jornalísticos sobre a história de Criciúma, as obras historiográficas da década de 1970, criando um passado de feitos gloriosos para a cidade imaginária que se construía, culminando nas comemorações festivas do centenário, percebemos que a identidade urbana é uma operação que lida com o presente da cidade a partir de uma leitura interessada de seu passado. Na condição de passado autêntico e verdadeiro, surpreendemos a identidade urbana como memória oficial validando a identidade reivindicada. Não que a identidade urbana não tenha um passado, mas ao afirmá-la, esse passado sofre uma mutação adequando-se a operação que a cria.

O passado e a identidade urbana afirmada valorizam determinados grupos sociais que os utilizam em seus posicionamentos na cidade. A construção da identidade urbana é simbólica, mas tem seus pés assentados sobre o terreno do social, impulsionando representações que significam também vantagens políticas e materiais na sociedade urbana. A presença dos governos municipais promovendo intervenções urbanas, editando livros, erguendo monumentos e realizando festividades revela que a atribuição de identidade à cidade não é uma operação destituída de interesses materiais e políticos. Enquanto objeto de ação de governos e lutas de representações levadas a cabo por grupos sociais presentes na urbe, surpreendemos a construção da identidade urbana como um exercício de poder que se funda na fixação de um nome para a cidade, ainda que ela mesma possua também outros.

Alain Musset pergunta, em seu trabalho, se a cidade possuiria uma alma. Sim, responderíamos, desde que se considere que essa alma possui alguns duplos ou que, ao menos, ela se encontre cindida.